

REFLEXÕES SOBRE LEITURA

¹Alexandre Ribeiro de Lima

APRESENTAÇÃO

É muito comum ouvir as pessoas dizerem que crianças e adolescentes não gostam de ler. No entanto, é bem comum ver pessoas de pouca idade com livros, como *Crepúsculo*, *Ladrão de Raios* e *Harry Potter* nas mãos. Além disso, revistas como *Todateen* e *Mundo Estranho*, sem falar de gibis e mangás que são frequentes entre crianças e adolescentes. Diante disso, como justificar essa afirmação? É o que se pretende investigar neste estudo. Busca-se refletir sobre as preferências dos jovens leitores e constatar que a afirmação de eles não lerem não é de todo equivocada e que as leituras que eles fazem também têm fundamento. Tudo parte do seguinte princípio: o que se entende por leitura? A resposta a essa pergunta é um tanto ampla e foi o que motivou esta pesquisa, que pretende refletir sobre o assunto, pautada em alguns dados de pesquisas e na literatura teórica sobre o tema.

LEITURA: PROBLEMAS E (POSSÍVEIS) SOLUÇÕES

Algumas dificuldades podem surgir ao leitor no ato da leitura, entre elas a não compreensão de palavras ao longo do texto. Entretanto, não se compreende o texto decodificando o sentido de cada palavra, pois o leitor faz um exercício de inferência, ou seja, coloca o seu conhecimento de mundo sobre o texto e compreende o seu sentido global. Por outro lado, o vocabulário empregado pelo autor deve ser minimamente compreendido para possibilitar a criação de imagens na mente do leitor. O que pode ajudar na solução deste problema é o leitor perceber que determinada palavra desconhecida pode ser sinônima de outra mais familiar, duas palavras que podem remeter a mesma imagem. Assim, é possível o leitor se deparar com um termo desconhecido também de significado, não consegue associar a outro termo, e isso certamente afetará a compreensão global do texto. Há casos de utilização de palavras em sentido pouco usual ou metáforas, dizendo de outra forma uma

¹ Graduado em Letras – Português pela PUCPR. Atua na rede particular de ensino.

palavra que, geralmente, é empregada em um contexto utilizada em outro, incomum.

Outro problema de ordem lexical com o qual o leitor pode se deparar é o uso de termos muito rebuscados, neologismos ou expressões vagas por parte do escritor. Em alguns casos, a intenção é ludibriar o leitor para esconder uma mentira e não ser acusado. Outra seria intimidar para não sofrer críticas por seu texto, pois uma vez não compreendido o seu vocabulário o conteúdo do texto não pode ser avaliado com precisão. Essa atitude deve ser vista com muita cautela pelo escritor, pois, dependendo do gênero textual e do público a que se destina o texto, ele corre o risco da rejeição total. Além disso, o uso de palavras incorretas é outro problema que pode ser enfrentado pelo leitor.

Apesar de parecerem difíceis de resolver, as dificuldades elencadas devem ser vistas como obstáculos à leitura de determinado texto, e não como um impedimento. Afinal, ao ter contato com um texto novo, o leitor deve sair dele transformado, o texto deve trazer um acréscimo ao conhecimento do leitor. Sendo assim, o uso de palavras pouco usuais deve servir para a ampliação de vocabulário. O emprego de metáforas e de palavras deslocadas de seu contexto comum também, pois o leitor “aprende” um novo uso para um termo já conhecido. Da mesma forma, a utilização de palavras eruditas deve servir para ampliar o vocabulário do leitor. Palavras usadas de forma incorreta podem servir de exercício da norma de escrita, etc.

Para resolver aquelas dificuldades, o leitor deve consultar um dicionário sempre que sentir necessidade, retomar a leitura até o termo desconhecido ou ainda observar o texto em sua totalidade para perceber o contexto em que está empregada determinada palavra, e também empregar o seu conhecimento de mundo no intuito de esclarecer o termo. Evidentemente, todo esse processo pode comprometer o ritmo e a linearidade da leitura, porém, conforme o leitor vai amadurecendo, esse procedimento se tornará automático e ele terá mais habilidade e conhecimento prévio para acrescentar ao texto. Afinal, a leitura é um ato dialógico, pois o autor espera que o leitor complete o sentido de seu texto, de acordo com o contexto e conhecimento prévio do assunto, do gênero, etc. Nas palavras de Luiz Antônio Marcuschi (2008): “A língua é semanticamente opaca”, pois uma mesma palavra, dependendo do contexto em que é empregada, permite muitas significações. Opaco é algo que não tem

nitidez, que não permite uma visão muito clara, como dirigir numa estrada com nevoeiro ou tentar enxergar o fundo de um rio sujo, com águas turvas. Nos dois casos, a visão que se tem dos objetos ou da paisagem é pouco nítida, opaca. Assim, de acordo com Marcuschi (2008), são as palavras; seu real sentido está encoberto, permitindo ao falante ou leitor ter acesso somente a uma parte, de acordo com o contexto, de seu significado real.

Sobre isso, é importante ressaltar que para facilitar o processo de leitura duas estratégias devem estar presentes: a inferência e a previsão. A primeira ajudará na compreensão dos itens lexicais do texto, isso contribuirá (como já foi visto) para o entendimento do texto. A segunda auxiliará na dinâmica da leitura, pois, ao prever o que virá após um termo, o leitor pode dar um salto à próxima, sem perder a compreensão do que está sendo lido. No entanto, para utilizar essas estratégias o leitor deve ter conhecimento do assunto do texto, conhecimento acerca do autor e, no caso de textos literários, informações do período histórico em que se insere a obra e também seu autor. Essas são estratégias para serem utilizadas numa primeira leitura. No caso da releitura, todas essas informações já foram mobilizadas e, agora, com um acréscimo: já se conhece o texto e todas as dificuldades que ele apresenta. Sobre isso, Vincent Jouve (2002) afirma o seguinte: “[...] o texto não é somente uma ‘superfície’, mas também um ‘volume’ do qual certas conexões só se percebem na segunda leitura.” (p.29). Sendo assim, a releitura, além de facilitar o processo da leitura, traz o benefício de se descobrir informações “escondidas” no texto, as quais não se percebe num primeiro olhar.

A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA E DEMAIS SEGMENTOS DA SOCIEDADE

Atualmente, a preocupação com os hábitos de leitura das crianças e jovens brasileiros ultrapassou as paredes das salas de aula e os muros das escolas e atinge toda a sociedade. No entanto, essa preocupação nem sempre significa que medidas efetivas estejam sendo tomadas. Dizendo de outra forma, aponta-se as causas e os culpados, mas não se trata o problema. Isso pode estar ligado a um grande motivo: o que se entende por leitura? A dos livros? Dos jornais? Dos folhetos de propaganda? Assim, antes de criticar a falta de leitura é necessário definir para qual prática social a leitura irá servir, e

Magda Soares (2008) afirma que ler é um verbo transitivo, portanto, exige um complemento, um objeto de leitura. E definir qual é esse objeto é um importante passo para se sanar os problemas apontados acerca da falta de leitura entre crianças e jovens. Afinal, decodificar as palavras em um texto é algo que alguém alfabetizado consegue fazer, de acordo com Soares (2008): “Ler só é verbo intransitivo, sem complemento, enquanto, seus referentes forem as habilidades básicas de decodificar palavras e frases...”². Nesse sentido, a escola e os professores exercem fundamental contribuição, e cabe a eles colocar os alunos em contato com os mais variados textos a fim de os prepararem para as funções sociais da leitura que cada gênero textual cumpre na sociedade.

Sobre isso, as Diretrizes Curriculares da Educação Básica apresentam o seguinte: “Ler é familiarizar-se com diferentes textos produzidos em diversas esferas sociais” (PARANÁ, 2008, p. 71). Sendo assim, é obrigação da escola expor os alunos a diferentes textos, considerando os conhecimentos exigidos para cada situação a que se está preparando o aluno, pois cada gênero textual exigirá do leitor estratégias específicas de leitura para uma melhor compreensão de seu conteúdo, já que seguem uma estrutura também específica no que tange a organização dos parágrafos, dos conteúdos, da forma, do suporte, etc.

É possível perceber que nas aulas de língua portuguesa os professores acabam perdendo muito tempo ensinando nomenclatura gramatical do que as funções sociais da leitura. Mostram exercícios descontextualizados das classes de palavras, o que não ensina os alunos a utilização desses termos efetivamente em uso. Entretanto, ensinar a ler com competência não é atributo somente da escola. É importante que outros segmentos sociais se envolvam na causa: famílias, associações de moradores, igrejas, etc. todos juntos formando uma aliança em prol da formação cidadã das pessoas. Nas palavras de Irandé Antunes (2009): “Sabemos que, anteriores à experiência escolar, estão as situações de convívio com materiais escritos, vividas no ambiente familiar. Na verdade, é aí que tudo começa. O que vem depois é só acréscimo (ou

² Cf. SOARES, Magda. Ler, verbo transitivo. In PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça, VERSIANI, Zélia (org.). **Leituras literárias**: discursos transitivos. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008. (Coleção Literatura e Educação). p.30.

conserto!).” (ANTUNES, 2009, p. 188). Dessa afirmação se pode depreender que a contribuição da escola para a formação leitora do aluno é mediar o conhecimento que ele já possui e acrescentar (“ou consertar”) novos conhecimentos, de acordo com as determinações das Diretrizes do estado.

O QUE OS JOVENS ESTÃO LENDO (SE É QUE ESTÃO LENDO)

Dizer que os jovens não leem é algo bastante clichê. No entanto, não foi isso que uma pesquisa realizada por alunos do sétimo período do curso de Letras–Português da PUCPR constatou. A pesquisa intitulada “Projeto Leituras e Leitores” teve o intuito de identificar se o hábito da leitura era cultivado ou não pelos alunos do período noturno do Colégio João Paulo I. Os alunos, das séries finais do Ensino Fundamental (EF) e do Ensino Médio (EM) num total de 142 informantes, foram convidados a responder um questionário com 29 questões.

Algumas constatações dos pesquisadores chamam mais atenção, por exemplo, ao serem indagados a respeito do que eles gostam de ler, a maioria dos alunos indicou histórias em quadrinhos, revistas, jornais e textos escolares. Essa constatação vai ao encontro do que foi revelado quando se analisa a questão apresentada aos alunos: “Normalmente você é motivado a ler por qual motivo?”. Para responder a essa questão, os respondentes contaram com oito alternativas e o que predominou entre eles foi a necessidade de conhecimento. Sendo assim, a leitura de textos publicados em jornais, revistas e os escolares suprem a necessidade.

Isso comprova que os alunos, mesmo os menos experientes do EF, já sabem selecionar os textos mais relevantes para determinada situação. Observando individualmente os dados, percebe-se que para alunos da quinta série a “Necessidade de conhecer mais sobre as diferentes áreas” representa a maioria, 38%. Essa necessidade de conhecimento se comprova quando se observa que para a maioria dos alunos a leitura significa “uma fonte de conhecimento para a vida” constatada nas respostas colhidas para a questão 1 do inquérito apresentado.

Em relação à leitura de livros, foi perguntado aos alunos se eles tinham dificuldades para ler. As respostas ficaram equilibradas, porém a maioria afirma não encontrar nenhuma e das encontradas o vocabulário e a extensão do texto

foram apontados pela maioria. E os textos que acharam mais difíceis são os artigos científicos e os artigos de jornais.

Falar sobre obras literárias na sala e ler os textos em voz alta foram apontados pela maioria dos alunos como os fatores que mais os motivam a ler. Entra em cena o papel fundamental do professor leitor, pois é a sua experiência de leitura que fará os alunos sentirem vontade de ler os livros que a escola exige. Portanto, deve-se fugir da prática de indicar as leituras e deixá-los se “virando” para dar conta dela, pois, como foi indicado anteriormente, uma das maiores dificuldades que eles enfrentam na hora da leitura é em relação ao vocabulário, assim, quando o professor lê com seus alunos os textos literários, contribui para que eles possam colocar em prática aquelas estratégias de compreensão textual. Dessa forma, a dificuldade da extensão do texto não será sentida por eles, pois uma vez vencido o obstáculo lexical o que fica é só prazer que a leitura bem compreendida causa.

Outro importante estudo sobre esse assunto foi publicado pelo Instituto Pró-Livro que, a nível nacional, visou mapear o comportamento e o perfil dos leitores brasileiros. Esta é a segunda edição da pesquisa que estudou indivíduos a partir dos 5 anos de idade do dia 29/11 a 14/12/2007 em 311 municípios do Brasil. Trata-se, portanto, de uma grande pesquisa que revelou muitos problemas e avanços na área a nível nacional. Evidentemente, não se pretende analisar todos os dados indicados pela pesquisa, e sim discutir algumas situações que vão ao encontro dos interesses deste estudo.

A pesquisa revelou que houve um crescimento nos índices de leitura entre os anos 2000 e 2007. A estudiosa Maria Antonieta da Cunha afirma que “Esse avanço geral revelado em 2007 é resultado do esforço de muitos e evidencia que, atuando em qualquer ponto da cadeia da leitura, estamos todos evoluindo”. No entanto, “[...] há muito chão pela frente até considerarmos atingidos os níveis mais decentes de leitura para cada cidadão brasileiro.”³. Outro aspecto que cabe ressaltar é o fato de para a maioria dos entrevistados a leitura significar uma fonte de conhecimento para a vida, corroborando com o que foi revelado pela pesquisa dos acadêmicos da PUCPR. Outro dado digno de destaque é que para 8% das pessoas a leitura é “uma atividade prazerosa”,

³Acesso à Leitura no Brasil: Considerações a Partir da Pesquisa, *in*. Retratos da leitura no Brasil. Disponível em <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf>, acesso em 8. set. 10.

essas respostas foram ditas por crianças entre 5 e 10 anos. A pesquisa revelou ainda que a idade na qual as pessoas mais leram foi até os 10 anos de idade. Isso indica que conforme a idade aumenta os interesses pela leitura se tornam mais “burocráticos”, ou seja, para cumprir alguma obrigação profissional ou escolar, e isso também está registrado na pesquisa que mostrou que jovens e adultos são os que mais leem por exigência do trabalho.

Outra constatação importante diz respeito a: “O que os brasileiros gostam de fazer em seu tempo livre”. Em primeiro lugar, aparece a televisão, seguida por ouvir música, descansar e ouvir rádio. A leitura aparece em 5º lugar a frente da internet (que figura no 14º lugar com 18% das respostas) e ir ao cinema, com 9%. Isso revela que, apesar de todo o atrativo oferecido pelos sites de internet e dos jogos eletrônicos (o videogame aparece em 20º lugar com 10% das respostas), a leitura ainda ocupa um lugar de destaque, sem especificar o tipo de leitura que, conforme revelou a pesquisa, são revistas, livros e jornais respectivamente.

Outra importante pesquisa apresentada por Aline de Castro Morais Welinsky (2010)⁴ ajuda a comprovar a tese de que os jovens leem sim. Nesse estudo, Welinsky (2010) entrevistou 20 pessoas de 15 a 20 anos, e uma das constatações da estudiosa é a de que “Muitos jovens apreciam a literatura recreativa, porém são desestimulados pela escola (p.13)”. Isso comprova o papel negativo dessa instituição na opção de leitura desses jovens. O estudo revelou que uma das principais razões para os jovens escolherem as narrativas de entretenimento é o fato de elas apresentarem uma estrutura de mais fácil leitura, diferente de obras clássicas. Nesse sentido, cabe à escola facilitar o acesso dos jovens a leitura de autores consagrados, uma vez que, pelo que se percebe, não é que os adolescentes não leiam, é que eles não leem autores canônicos. Portanto, a discussão não pode ficar nesse patamar, o que se deve é direcionar o gosto pela leitura de obras efêmeras, com pouca densidade, para autores eruditos, sem negar a importância das obras de massa, numa gradação. Nas palavras de Welinsky (2010): “Uma literatura não substitui a outra nem se mutilam, mas podem e devem conviver, favorecendo a liberdade do leitor de escolher a que mais lhe agrada (p.16)”. E, para que o jovem leitor

⁴ Trabalho de Conclusão de Curso: **As Passagens Secretas do Entretenimento: Acessos à Torre de Marfim da Literatura**, apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras-Português da PUCPR.

possa escolher com propriedade, ele precisa conhecer diversas opções de leitura, entra em cena o papel fundamental do professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível perceber ao longo desse estudo que a afirmação (e por vezes preocupação) de que os jovens não leem tem fundamento. Afinal, ao serem apresentados a uma obra de Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade ou Clarice Lispector, muitos deles saem correndo e dizem detestar. Por outro lado, quando se fala nas aventuras de *Harry Potter*, *Percy Jackson* ou na série *Crepúsculo*, a maioria conhece. Então, como que não leem? Todos os dados que foram apresentados comprovam que eles leem sim. Talvez não leiam os autores clássicos e a chamada “alta literatura”, mas estão lendo. Cabe aos responsáveis em promover a leitura, entre eles a escola, rever seus métodos de apresentação ou ainda criar estratégias que cativem o jovem para leitura (também) dos grandes escritores da literatura brasileira e mundial, afinal, além de ser um ato prazeroso, a literatura é uma fonte de conhecimento e acesso a uma das belas artes produzidas pelo ser humano.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. (Série Estratégias de ensino; 10).

FULGÊNCIO, Lúcia & LIBERATO, Yara. **A leitura na escola**. São Paulo: Contexto, 2001.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro. 2008. Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf>> Acessado em: 8 set. de 2010.

JOUBE, Vincent. **A leitura** – tradução de Brigitte Hervor –. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LIMA, Alexandre Ribeiro de. **Relatório de estágio supervisionado III**. [Relatório de estágio supervisionado]. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná; 2010. Requisito parcial para aprovação da disciplina.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça, VERSIANI, Zélia (org.). **Leituras literárias**: discursos transitivos. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008. (Coleção Literatura e Educação).

WELINSKY, Aline de Castro Moraes. **As Passagens Secretas do Entretenimento**: Acessos à Torre de Marfim da Literatura. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná; 2010. 73p. Licenciatura em Letras-Português.